

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

O Plano Hierárquico e a Reação do Homem

Conferência em Barcelona

20 de outubro de 1983

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

# O Plano Hierárquico e a Reação do Homem

Barcelona, 20 de outubro de 1983

**Interlocutor.** – A Hierarquia não tinha previsto que a última guerra mundial iria acontecer, o que talvez tenha sido por causa de tudo o que os homens pensavam ou faziam, então quando se ouve tanta violência e tanto horror como se está ouvindo nos dias de hoje, pode ser que esse horror aconteça novamente?

**Vicente.** – O que a Hierarquia não pode prever, apesar de sua elevação espiritual, é como a humanidade reagirá em qualquer dado momento no tempo. A Hierarquia tem que desenvolver certos planos, não apenas para a humanidade, mas para os reinos subumanos. Os reinos subumanos não têm uma autoconsciência, sua vontade instintiva segue os impulsos cíclicos da evolução, mas a humanidade tem autoconsciência, tem vontade própria e, portanto, depende, não mais dos planos da Hierarquia, mas da reação da humanidade aos planos da Hierarquia, o que implica em muitos fatores. Em primeiro lugar, as correntes astrológicas que estão constantemente invadindo o planeta, depois, os diferentes graus de evolução dentro da humanidade, depois, há – e acho que discutimos isso muitas vezes – uma série de egrégoras ou formas psíquicas criadas em um passado muito distante que estão gravitando na aura da Terra, para neutralizar toda essa bagagem cármica do passado, há uma certa série determinada de Ashrams ligados aos planos da Hierarquia. Se depois de ajustar o trabalho dos vários Ashrams com a tendência da humanidade em qualquer momento cíclico se chega a um equilíbrio, nada acontece, a vida continua até a sua consumação ou até um certo ponto de consumação, mas, se como foi o caso da guerra passada, na qual não só havia ascendências negativas da humanidade produto de um passado corrupto, como também agregaram sua carga psíquica os próprios discípulos dos Ashrams que não souberam neutralizar as forças vivas da evolução, tal como vinham inspiradas desde os níveis cósmicos. Daí a dificuldade que a Hierarquia – respondendo à pergunta – possa prever exatamente como a humanidade reagirá. A Hierarquia sabe como um certo discípulo reagirá depois de ver sua carta astrológica vista dos níveis causais, não se trata portanto de uma simples equação de valores psicológicos da personalidade, mas de valores sintéticos que pertencem aos mundos superiores. Com o ajuste de contas do que a Hierarquia observa, ela pode prever com toda precisão como esse discípulo reagirá a qualquer situação planetária, mas não pode prever o que acontece com a humanidade como um todo, uma vez que a humanidade reage a estímulos pessoais, estímulos materialistas e, em seguida, à pressão constante das forças que ameaçam de uma ou de outra maneira o progresso da civilização ou o desenvolvimento espiritual dos grandes grupos humanos. Sabendo disso, há o que tive a honra de lhes dizer ontem, de que há que utilizar hoje, mais do que nunca, a responsabilidade, porque há um grande processo em andamento, pois as forças opostas da evolução, essa interação de valores chamada "par de opostos", que estão levando cada qual sua própria linha, estão em um transe, digamos, de ruptura, porque não nos esqueçamos de que o que a humanidade suporta hoje não é o desejo do bem ou da boa vontade, mas aquele equilíbrio motivado pelo medo, o que também significa que de todos os pontos de vista essa paz é negativa, esse equilíbrio é falso, porque na mente ou no mundo mental se continua a lutar. Então, alguns baluartes psíquicos foram criados – e acho que já dissemos isso em outras ocasiões – para neutralizar ou tentar neutralizar essas tendências humanas e a incapacidade de certos discípulos, que só agora entraram

nos Ashrams, e é criar núcleos vitais dos Ashrams e dos grupos egoicos desenvolvidos a partir do plano causal no plano físico. Naturalmente, se houvesse no mundo muitos desses grupos egoicos ou núcleos humanos inspirados nos grupos egoicos no plano causal, haveria a possibilidade de que os planos da Hierarquia, tal como surgem do propósito de Sanat Kumara, pudessem chegar prontamente à sua florescência ou à sua consumação, sua realização. Todo o processo está, como sempre, naquela atitude autocrítica do discípulo de realmente saber onde ele está situado, e se de onde ele está situado pode ajudar ou colaborar de uma maneira ou de outra, contribuindo com seu esforço e, se possível, com seu próprio sacrifício, integrar-se em valores reais, valores absolutos, valores espirituais, para contribuir com essa energia para o grande fluxo do qual surgem os propósitos da Hierarquia.

É isto – esboçado nas grandes linhas – o que está acontecendo hoje. Temos um Plano Hierárquico que tem que ser realizado, seja como for, porque esse é o desígnio de Sanat Kumara. Há, então, as forças de reação, dentro dos grupos humanos, dentro dos grupos dévicos da linhagem lunar e dentro de certos discípulos que ainda não entenderam completamente as razões pelas quais eles são discípulos. Temos também um número impressionante – felizmente – de egos que encarnaram há cerca de trinta anos, e outros que estão surgindo lentamente, motivados por impulsos hierárquicos de grande transcendência espiritual, que são o que poderíamos chamar: "o fermento do pão que comeremos amanhã", e que ao incidir nos planos mentais, em seus diferentes níveis, até chegar ao nível kama-manásico, no qual o desejo atua, operando sobre a mente individual, para mitigar o máximo possível os ardores da luta que estão ocorrendo nesses planos, para ver se é possível que o que parece algo irrevogável, algo inevitável, possa ser transcendido, possa ser neutralizado.

O trabalho do discípulo é muito delicado, talvez porque o discípulo em sua integridade não tenha penetrado nos valores fundamentais da vida. Em segundo lugar, porque tem medo, lhe falta vontade, ele conhece até certo ponto o amor, a atração magnética para com outros seres e também conhece até certo ponto o Amor de Deus, mas ele não tem vontade, ele não tem aquela força que surge das entranhas da própria vida espiritual, que o impele a realizar aquilo que é certo, aquilo que deve ser realizado. Se ele tem êxito, se o discípulo – ao qual sempre se deve fazer referência – pode criar ao seu redor, a partir de seus bons desejos e de um intelecto mais ou menos desenvolvido, essa potente força da vontade, ele pode criar maravilhas, porque usando a vontade, desenvolvendo a vontade, o poder volitivo, está trabalhando com as energias de Sanat Kumara, aquelas energias de primeiro raio que vêm de Shamballa, e por ele motivo, pode verificar ao seu redor transformações de ordem vital, que podem afetar e devem afetar a vida de outras pessoas, induzindo-as, sem que elas percebam, pelos espíritos da retidão, como dizíamos ontem, a "endireitar os caminhos do Senhor" dentro do coração.

Daí a importância do termo *irradiação* para o discípulo; o magnetismo do qual sua aura está impregnada para poder vivificar as naturezas psicológicas vacilantes que estão vivendo ao seu redor. É possível afetar – tanto quanto possível – esse conjunto de sombras em movimento, com as quais se tem que estar constantemente operando, trabalhando e compartilhando as tarefas cotidianas, porque se há radiação, se há compreensão, se há amor, há um grau de inteligência desenvolvido e, no devido tempo, há vontade de ação, há um propósito de atuar. Então, tudo ao nosso redor fica magnetizado, vitalizado pela energia que surge da nossa própria vontade. O amor certamente atrai, o intelecto é uma força que serve para se projetar, mas de nada servem

o intelecto ou a boa vontade que surge do coração se não houver – como dissemos em várias ocasiões – esta vontade dinâmica. E é precisamente isso que a Hierarquia está esperando de nós, a fim de levar adiante seu plano de perfeição da humanidade, seu plano de perfeição do mundo e, naturalmente, é aqui onde intervém o fator *grupo*, a compreensão dos membros do grupo, o afeto pelos membros do grupo, uma adaptação sincera aos membros do grupo, uma piedosa envoltura para o irmão do grupo com o qual não nos sentimos plenamente identificados. Por que dentro de um grupo não nos identificamos? Porque dentro de nós há os germes da separatividade, quando dentro de um ashram – e isso pode acontecer porque não se trata sempre de grandes iniciados – quando acontece que algum discípulo testado na experiência comete um erro, há compreensão amorosa suficiente para deixar de criticá-lo, para procurar registrar as motivações ocultas de seu coração, pois, então, ao compreender as motivações ocultas, talvez possamos perceber, às vezes, que nossas críticas não foram corretas o suficiente e que sempre que há um caso de desajuste grupal é preciso buscar, antes de tudo, dentro de nosso próprio ser, dentro do próprio coração, para dali contemplar com uma nova visão psicológica, as incidências, circunstâncias e eventos que acontecem dentro do grupo.

O grupo – se pudessem entender – tem por objetivo centralizar o poder do Plano de Hierarquia, nós somos seus agentes, quem vai fazer o trabalho do mundo senão os discípulos juramentados? Mas o sacrifício de todos aqueles que abandonaram a plenitude de seus grupos egoicos para descer ao mais profundo, para procurar compreender, amar e seguir o propósito de Deus em relação à humanidade, através do grupo ao qual se pertence, por que – e isso foi dito muitas vezes – de que adianta o conhecimento esotérico? A explicação racional, profunda ou transcendente dos Mistérios do Reino, se não formos capazes de compreender os corações daqueles que estão intimamente relacionados conosco por leis de hierarquia, por leis de grupo egoico, por leis, talvez, que vêm dos misteriosos arcanos de Shamballa? Se entenderem isso e forem criteriosos, talvez sua atitude dentro do grupo tenda a mudar, pois, então, perceberão que, ao mudar pessoalmente, mudam fundamentalmente os valores psicológicos daquelas pessoas que consideravam inadequadas, incorretas ou deslocadas, do que pomposamente chamam de atividades do grupo. Um grupo é mais do que um grupo de pessoas que se reúnem para compartilhar um certo ensinamento de natureza esotérica ou ocultista. O grupo sempre é para polir os defeitos de cada um, e os defeitos de cada um se refletem – não duvidem – naquelas pessoas que criticam. A crítica é uma espada ardente com a qual estão destruindo o coração e se afastando do Mestre.

Por que um grupo esotérico é tão importante nesses momentos transcendentais, em que as pessoas estão angustiadas clamando ao céu, pedindo paz, pedindo harmonia, pedindo compreensão amorosa umas com as outras? Porque, poderíamos dizer também, que estamos dentro de um círculo impetuoso de energias que estão entrando no planeta com tremendo poder ígneo, estão removendo pela raiz a substância densa dos nossos veículos e que faz vir à superfície aquilo que impede a união com a Alma, a união com o Mestre, a união com a Hierarquia e, fundamentalmente, o que os separa da unidade do grupo.

Espero de todo o coração que vocês sejam pessoas responsáveis, pessoas dignas de que o Mestre lhes dirija a sua atenção de vez em quando, porque não sendo assim vocês perderão nesta vida uma grande oportunidade, uma oportunidade que não é simplesmente o deleite da amizade ou do bem-estar que se experimenta depois de uma

profunda meditação; é preferível que sacrifiquem e renunciem a este bem-estar para perguntar a si mesmos quando estão inspirados pelo Mestre: Onde a conduta está falhando? Onde a estrutura psicológica está falhando? Ou: em que parte da estrutura psicológica aninha-se o germe daquilo que deve ser transcendido e está impedindo que vocês se encaixem harmoniosamente dentro de um grupo, que de uma maneira ou de outra está ligado a um Ashram do Raio de Amor da Hierarquia e que pode estabelecer contacto, não só dévico, mas com elementos evoluídos da Hierarquia, que está ansiosamente esperando que elevemos nossos olhos e nossa conduta para eles para que nos santifiquem dentro de Sua infinita misericórdia, para que possamos penetrar no destino dos Deuses, que terá que ser o nosso próprio destino dentro de um certo tempo? Pois eu lhes fiz uma advertência, se é que vocês querem aceitá-la, é que se vocês encontram algo dentro de mim que os atrai, não é por causa dos meus merecimentos, mas porque, de certa maneira e até certo ponto, eu sacrifiquei parte da minha existência cármica em prol do plano do Mestre, e também lhes digo que posso não estar sempre com vocês e que vocês tenham que viver com o estímulo da lembrança, e que se alguma coisa resta desta lembrança, da boa vontade com que sempre estive dentro de vós, compreenderão também que aquela força e aquela tremenda responsabilidade que deve andar de mãos dadas com a força, os inspira também e os coloca em contacto com o Mestre, pois o Mestre nunca os obrigará, Ele esperará que sejam vocês aqueles que, em momentos de elevada devoção espiritual, dediquem a Ele sua mente, seu coração, sabendo que estão em boas mãos, e sabendo que da flexibilidade desse contato estimulado no coração de cada um de vocês, surge aquela luz que evidentemente será a luz do coração.

**Leonor.**— Gostaria de comentar o que você disse sobre a Hierarquia [...]. Desde que o planeta é ocupado pela humanidade, digamos assim, sempre há guerras e ódios, produtos não só da ignorância, como do egoísmo humano. Então, eu pensava naquele momento, tinha diante dos meus olhos a carta do Tarô, onde está, digamos, o zero. Ali na frente estão todas as ferramentas de trabalho. Ou seja, o que a Hierarquia nos dá são as ferramentas de trabalho. Ela não faz o trabalho por nós, nós temos que fazê-lo, mas as ferramentas nos foram dadas através de todas as energias e tudo que vem a nós de onde tem que nos alcançar. Porém, nós podemos ou sabemos manejar essas ferramentas ou não. A tática total da humanidade é o egoísmo, para ajudar ou não ajudar. Toda a chispa que temos dentro de nós, nos pequenos egoísmos humanos, ajuda de um lado ou as chispas que temos de bondade, toda a nossa abnegação está ajudando. Neste caso está a responsabilidade de cada um, como já foi dito, mas eu não poderia agora me calar sobre o aspecto que produziu a pergunta que você fez, de ver na minha frente a carta do Tarô, onde estão os instrumentos de trabalho que são aqueles que a Hierarquia nos dá. Mas a humanidade tem que trabalhá-los, tem que se tornar sagrada, tornar tudo sagrado e até chegarmos a este ponto teremos que pensar que temos que ser como agricultores, que sempre semeiam para obter uma colheita. Cada geração tem que plantar uma semente, e talvez colherá, sim ou não, parte do que plantaram as gerações anteriores, mas não podemos esperar colher a colheita do que semeamos, porque o todo ainda não está perfeito. Mas sim, temos que pensar isso, que a Hierarquia não tem que trabalhar a nossa evolução, somos nós que temos que trabalhar nisso, pois nos deram tudo o que precisamos para fazê-lo. Assim, toda vez que nos desprendemos de certos anseios por prazer e conforto, etc., deslocando essas coisas que são produto de mais ou menos egoísmo, é este caso, é quando já estamos colocando na balança – digamos de uma maneira não-intelectual, mas de uma maneira comum – o bem e o mal. Sabemos onde depositamos certos aspectos da nossa natureza interior. Mas o que devemos ter em

mente é isso, que a humanidade é quem tem que evoluir e não a Hierarquia, que já está no seu nível, mas venho dizer que ela nos deu tudo para que o façamos melhor.

**Xavier Penelas.**— Ontem, o que me levou a fazer a pergunta sobre a presença física do Cristo dentro no que poderíamos chamar de Hierarquia, isto é, no plano físico, terrestre, era talvez uma das metas que de alguma maneira o Mestre Tibetano impôs a si mesmo, se me lembro, de 5ª Iniciação do 2º Raio. O Mestre Tibetano diz que uma das tarefas a serem empreendidas pela humanidade e, acima de tudo, pelos discípulos avançados, é falar abertamente da presença física do Cristo na Terra, para de alguma forma retificar a informação dada durante séculos de que o Cristo se foi, se afastou de nós, enquanto que, por exemplo, embora pareça contraditório, a Bíblia diz que: «*Nunca os abandonarei*» e, por outro lado, diz: «*Quando a minha presença for necessária, voltarei*». Então, o Mestre Tibetano diz que isso criou um condicionante psicológico, de criar uma espécie de ambiente miserável por parte da humanidade e muito distanciada com relação ao Cristo. Ele diz que para colocar este aspecto da Hierarquia ante a realidade humana, seria necessário falar abertamente desta presença e de que quando estiver em Jerusalém, que é aludida na Bíblia, que seja uma verdadeira cidade de paz, um homem novo. Então será possível que o Cristo venha novamente entre nós e que todos os olhos O vejam ou que venha por cima das nuvens, o que poderia ser perfeitamente um avião ou através da televisão, etc. Então, eu me pergunto, por que ou para quê é necessário que o Cristo venha novamente à Terra?

**Vicente.** – Como vocês sabem, o Cristo é um Avatar do 2º Raio, muito vinculado internamente – por razões de raio – com o próprio Logos Solar e que em nosso planeta constitui o centro do Amor. É dito que o fato de que ele ainda tenha um corpo físico, um corpo que não foi precisamente o que lhe legou o Mestre Jesus, o Nazareno, mas que depois do drama da morte, ao ascender novamente ao seu nirvana, para poder projetar melhor as energias, as radiações cósmicas do Amor de Deus para o planeta, era necessário possuir um corpo físico. No entanto, tenham em mente que quando falamos de um corpo físico em relação ao Senhor do Mundo, aos grandes Chohans ou ao próprio Cristo, estamos nos referindo ao corpo semimaterial, o que significa que há mais parte etérica do que densa dentro deste corpo. Em virtude disso, através de um corpo etérico projetado por Ele, por Ele concebido e por Ele construído, através de Seu mandato sobre os anjos do plano búdico, Ele pode projetar as energias do Amor de Deus para a Terra de maneira ininterrupta, e é graças a este Espírito de Amor com o qual Ele alcança os corações dos homens, a razão de não se ter produzido a grande hecatombe planetária, pois, logicamente, por causa de sua tremenda evolução, Sanat Kumara intervém muito pouco diretamente nos assuntos humanos, exceto em certas ocasiões, nas quais vendo o benefício da totalidade planetária deve intervir drasticamente, como no caso da Atlântida. Sabemos também que Ele usou a força cósmica deste tremendo Raio – o 1º Raio – por ocasião da individualização do homem-animal, porque naquela época não havia força planetária suficiente para atrair os remanescentes superiores das diferentes espécies do reino animal para penetrar no reino humano. Há uma tremenda invocação cósmica dirigida aos Anjos Solares. Os Anjos Solares podem ser considerados de duas maneiras: como anjos Agnisvhattas que estão no Coração de Deus ou no Coração do Sol – não no sol físico, mas no aspecto psíquico do Sol – e também como uma força cósmica vinda do 5º Plano Cósmico do Sistema Cósmico. Portanto, a tremenda evocação de Sanat Kumara para produzir esses resultados foi evidente, porque poderia então realizar aquela tremenda alquimia que consistia em canalizar todas aquelas entidades monádicas que realizavam a sua

evolução em certas espécies definidas para que pudessem penetrar no reino humano. Ou seja, o mesmo que aconteceu quando Sanat Kumara penetrou em Shamballa ou na Ilha Branca, porque havia previamente um talismã venusiano que precedeu Sua vinda. O trabalho começou em Seu reino antes que Ele se tornasse o Rei. É necessário entender também o trabalho de Sanat Kumara e dos Anjos Solares, quando inculcaram na mente incipiente do homem-animal o talismã da mente. Foi um aspecto decisivo porque, ao mesmo tempo, era um desígnio cósmico, ou seja, do ponto de vista do Logos Solar, que é o mais imediato para a compreensão das coisas absolutas, tornou-se necessário individualizar algumas unidades do reino animal e transformá-las em seres humanos, porque era imperativamente necessário, como é dito no *Livro dos Iniciados*: “*Poder manifestar a glória infinita de Seu Ser*”, porque o único ser da criação que é consciente é o homem, ou autoconsciente, que adquire a consciência de si mesmo. Quando essa consciência foi estruturada e ia evoluindo pela força das coisas, o Senhor do Mundo ia retirando sua pressão, ia retirando sua energia elétrica. Ficou somente uma união entre as unidades avançadas do reino animal que haviam se tornado seres humanos e o Anjo Solar no plano causal. Os Anjos Solares e a Humanidade constituíram um triângulo cujo ápice era habitado pelo Cristo, e este triângulo ainda continua.

Assim, o problema do Cristo, retornando à razão de Ele ter um corpo etérico ou um corpo semidense, era para melhor galvanizar todas aquelas unidades da humanidade para que compreendessem o que Ele estava lhes dizendo antes, os motivos essenciais da vida, não a uniformidade dos critérios, mas a unidade viva do coração, que como um fio mágico alinha o coração de todos os seres humanos como se fossem pérolas. Isso também pertence ao *Livro dos Iniciados* – para que desta maneira a evolução seguisse sem os grandes cataclismos que as forças do 1º Raio teriam gerado ao atuar sobre a humanidade, para fortalecer os germes da mente, ou “*Ovo da Mente*”, como se diz também em certos tratados ocultistas. Mas, na realidade, o trabalho está sendo feito de maneira muito intensa naquelas entidades humanas curtidas em mil batalhas cármicas que chamamos de discípulos. Ser discípulo para mim é uma glória, é um dever e uma responsabilidade, porque é preciso se apresentar no mundo como um discípulo, como o que se é, neste ponto há que afirmar os valores do espírito, porque as pessoas prestam muita atenção naquele que se define como discípulo, por isso lhes falava da responsabilidade do discípulo, porque hoje, devido à pressão de umas eras em movimento – a era de Peixes que está partindo e a era de Aquário que está penetrando – há uma multidão de pessoas que, sem que sejam discípulos, se autoatribuem o título, não de discípulo, mas de iniciado, de guru, quebrando todas as leis da ortodoxia esotérica – se podemos dizer assim – e que caem inexoravelmente sob a lei do carma. Assim, as pessoas que querem ajudar as outras, em um sentido esotérico, terão que prestar muita atenção ao que está acontecendo em seu interior, ao que está acontecendo em seus ambientes familiares, ao que está acontecendo em seus ambientes profissionais e sociais, para que percebam que a afirmação não é suficiente se não for seguida pela apresentação da vontade, e sempre lhes falei mais de vontade do, porque o amor já implica no desenvolvimento da vontade, o desenvolvimento do amor implica sempre no desenvolvimento da vontade. Portanto, se têm em conta – e eu não quero mais cansá-lo – essas premissas, e são premissas tão naturais, tão simples de entender, embora suponho difíceis de colocar em prática, mas com tudo isso, com todo esse reconhecimento absoluto da dificuldade, devemos continuar trabalhando, é preciso seguir lutando, é preciso continuar insistindo, deixando em cada curva da estrada farrapos do nosso eu morto e vencido, para desta maneira preparar convenientemente os

veículos para que possam ser usados pela Alma, pelo Eu Superior, que é com o que o nosso ser interno está procurando constantemente.